



Entre currais de bois, cordões e pastores: circuitos de expressar, ser e viver na cidade de Belém nos anos de 1920 a 1940

Between curses of bois, cordões and pastors: circuits of expressing, being and living in the city of Belém in the years of 1920 to 1940

PANTOJA, Leticia Souto¹

Resumo: Este artigo discute diferentes circuitos de sociabilidade, festejos e artes construídos pelos segmentos populares que habitavam a cidade de Belém, capital do Estado brasileiro do Pará, entre 1920 e 1940. Esse período é apontado pela historiografia sobre a Amazônia como sendo uma época na qual a região vivenciou os efeitos do fastígio da economia extrativo-exportadora da borracha, desencadeando nas principais cidades processos de pauperização que atingiram as condições de vida e trabalho de diferentes segmentos sociais. Todavia, a pesquisa na documentação judiciária e os discursos elaborados pela imprensa possibilitam conhecer uma cidade efervescente social e culturalmente; permeada por práticas festivas que se articulavam cotidianamente entre as camadas de trabalhadores pobres da urbe, indiciando múltiplas formas de uso e ocupação dos territórios da cidade.

¹ Pós-doutoranda do CECS, Universidade do Minho. Doutora em História, pela PUC-SP. Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Coordenadora do Centro de Referência em História e Memória da Região Sul e Sudeste do Pará e do Núcleo de Educação e Tecnologias Informáticas e Comunicacionais-NETIC, da Faculdade de Ciências da Educação. Líder do Grupo Kairós de Estudos Interdisciplinares em História, Sociedade e Educação.

Palavras Chave: Amazônia; cotidiano; sociabilidades; festas; boi bumbá; pastorinhas.

Abstract: Different circuits of sociability, festivities and arts constructed by the popular segments that inhabited the city of Belém between 1920 and 1940 are discussed. This period is indicated by the historiography on the Amazon as being a time in which the region experienced the effects of the fastigio of the extractive-rubber economy, triggering in the main cities processes of impoverishment that reached the conditions of life and work of different social segments. However, research in judicial documentation and speeches made by the press make it possible to meet a socially and culturally effervescent city; permeated by party practices that were articulated daily between the layers of poor workers of the city, indicating several forms of use and occupation of the city's territories.

Key words: Amazonia; daily life; sociabilities; festivals; bumbo ox; shepherdesses.

Antes dos caminhos dos Bois...

Os anos que se estendem entre 1915 e 1939, aproximadamente, são apontados pela historiografia sobre a região Amazônica como sendo um período de importantes transformações. Se, por um lado, os capitais oriundos da exportação do látex já não representam o principal vetor econômico local, por outro lado, surgem inúmeras fábricas vinculadas ao beneficiamento de produtos gerados pelo extrativismo e casas comerciais que asseguram um certo dinamismo ao mercado inter e intrarregional (WEINSTEIN, 1983; PANTOJA, 2015; SOUSA, 2009).

Discursos que oscilavam entre apontar os efeitos da crise na economia extrativo-exportadora sob as condições de sobrevivência da população e/ou exaltar as novidades técnicas que progressivamente irradiavam no cotidiano das cidades, permeavam a vida urbana nas principais capitais amazônicas.

Em Belém do Pará, as diversas notícias veiculadas na imprensa e as propagandas que circulavam nas principais revistas de variedades sinalizam para a existência de uma cidade efervescente, em cuja realidade social complexa e fluída podem ser encontrados sinais de extrema pobreza, criminalidade e desigualdade, convivendo com indícios de uma urbanidade moderna e luxuosa (SPINOSA, 2005, p. 26).

Nesse movimento tenso e constante do cotidiano, a multiplicidade de formas de viver e estar na cidade se expressa na presença de inúmeras práticas de apropriação do espaço urbano, no qual são construídos modos de trabalhar e obter ganhos para sobrevivência, formas de morar e, também, variadas maneiras de se divertir e festejar a vida na urbe (FONTES, 2002).

Sob esse prisma, tanto grupos remediados economicamente quanto camadas populares articularam diferentes circuitos de lazer e diversão pela cidade nas décadas de 1920 e 1930. Alguns deles se organizam em torno do hábito de frequentar botequins, mercearias e cafês; ir aos cinemas e perambular pela cidade em busca de amores e de lazeres noturnos.

Às vezes, no mesmo bairro, eram construídos múltiplos circuitos de lazer (principalmente quando se tratavam de áreas do antigo centro comercial) derivados não apenas de diferenças territoriais, mas especialmente de distinções funcionais em razão de ações, práticas de sociabilidade e vínculos de relacionamentos, que eram

entretidos pelos sujeitos que os frequentavam (MAGNANI, 2003, p. 141).

Por isso, botequins e tabernas, situados em ruas onde também se podia encontrar Cafés, padarias e cinemas, revelam circuitos culturais específicos, profundamente enraizados numa cultura não letrada, mestiça, migrante e operária, na qual questões aparentemente de cunho ‘privado’, familiar ou amoroso podiam ser resolvidas em litígios verbais e/ou agressões físicas desenroladas nos balcões, entradas e calçadas dos estabelecimentos.

É possível encontrar referências nos jornais, revistas e boletins de ocorrências policiais sobre fatos envolvendo homens e mulheres das camadas de trabalhadores pobres urbanos, ocorridos no interior e/ou no entorno dos muitos botequins, freges e cafés espalhados pela capital. Tal qual nos explicita a notícia de um jornal da época.

Domingo, último, por volta das 5 horas da tarde, deu-se um conflito no Botequim Pimpão, à avenida generalissimo Deodoro, esquina com Domingos Marreiros, entre Raymundo Santos, residente na Caripunas e caldeireiro de ferro na Oficina Silva, na Cidade Velha, e José Cardoso Serejo, morador em Val-de-Cães. Serejo investiu, armado de navalha, contra Santos, ferindo o nos dedos da mão esquerda, tendo Santos defendido com um revólver de que se achava armado, desfechando-lhe um tiro na perna e ferindo-o levemente na coxa esquerda. Na subprefeitura do Umarizal está aberto inquérito a respeito.²

Tais notícias nos dão a conhecer modos de ser e estar na urbe que destoam dos discursos que circulavam na capital paraense e conclamavam os munícipes ao envolvimento com hábitos de diversão baseados quase que, exclusivamente, na indústria cinematográfica americana e seus modelos. Diferentemente, nessas ocasiões sobressai a prevalência do hábito de consumir bebidas alcoólicas, a prática de jogos de azar, de cantorias coletivas e falatórios em voz alta, comportamentos que confrontavam certos padrões de urbanidade propostos pelos segmentos letrados e economicamente hegemônicos da urbe.

O caldeireiro João Damasceno, residente á avenida Conselheiro Furtado, 88, ontem á tarde, devido á chuva, foi acometido de intenso frio. Para aquecer o corpo, tomou vários corpos de água ardente, resultando ficar algo “cossado”. Entrou depois em um café da avenida Gentil Bittencourt e fez ali uma despesa, negando-se a pagá-la, tentando ainda “bançar” o valente. Uma praça, que se encontrava perto, deu-lhe voz de prisão, rebocando-o para a Central, onde ficou a sombra.³

Assim, se considerarmos a pluralidade cultural que dizia respeito aos segmentos sociais que compunham a paisagem de Belém/PA, tem-se que, além das sociabilidades acima referidas, existiram outras práticas de lazer que fizeram parte do cotidiano dos populares, muitas das quais apresentavam estéticas e linguagens ricas em polissemias de sentidos e que dialogavam diretamente com as heranças étnico-raciais dos *velhos* e *novos* habitantes da cidade. Portanto, a apropriação de certos signos da modernidade urbana não anulou a presença de outras expressões culturais dissonantes dos modelos letrados.

² *Folha do Norte*. Belém, 27 de julho de 1920. No Botequim Pimpão.

³ *Folha do Norte*. Belém, 10 de fevereiro de 1926. Cachaça e xadrez.

Nesse sentido, podemos destacar as comemorações do mês joanino articuladas em torno dos *Currais de Bois-bumbá* situados em bairros habitados por trabalhadores e gentes pobres; as festas de rua e de terreiro irradiadas pelos ensaios e desfiles de *Cordões* de pássaros pelos logradouros de diferentes distritos urbanos e suburbanos; os arrastões promovidos pelos *Cordões carnavalescos* na época do reinado de Momo e, ainda, as cantorias e apresentações dos grupos de *Pastorinhas* nas casas ou nos teatros, que celebravam o período do advento.

Tais festejos constituíram outras formas de expressão da sociabilidade popular que nos possibilitam conhecer diferentes modos pelos quais os trabalhadores pobres urbanos se apropriavam dos espaços da cidade, para além do mundo laboral.

Através das práticas originadas nesses instantes de comemoração, firmavam-se sentimentos de pertença à urbe, tão expressivos quanto aqueles entretecidos pelo viés do trabalho. Ora envoltas em conflitos e situações de tensão com os poderes públicos, outras vezes aclamadas como formas genuínas de expressão de uma identidade regional folclórica, tais manifestações nos dão a conhecer um pouco dos valores, crenças e percepções de mundo partilhadas por um segmento social que articulava sua identidade cultural na/da cidade em grande parte através dos relacionamentos forjados no interior desses movimentos festeiros.

Bois-bumbá e seus currais

Segundo Salles (1994, p. 312), as primeiras expressões de danças de bois, os chamados *Bois bumbá*, apareceram no estado do Pará na segunda metade do século XIX, por volta de 1850, quando os jornais da época dão conta das andanças que o *Boi Caiado* fazia pelos subúrbios da cidade de Belém, juntamente com capoeiras conhecidos da população, promovendo desordens e incitando conflitos que eram reprimidos pela força policial.

Em termos estéticos e artísticos, a dança do *boi bumbá* consistia numa comédia satírica, que encontra expressão em diversas partes do país, recebendo diferentes nomeações e incorporando variados elementos das culturas locais. Tratava-se de um teatro popular, dançado e cantado, principalmente por gente negra e cabocla, pertencente aos segmentos mais pobres da urbe; constituindo-se uma manifestação que exprime muito dos hibridismos que ocorreram ao longo da história pátria e regional.

Segundo analisou Teixeira (2013, p. 72), o *boi bumbá* tinha como público participante, principalmente, as camadas populares, para as quais o festejo possuía um sentido simbólico, que lhes possibilitava extravasar aptidões e destacar-se no contexto social da cidade; já que os grupos organizados pelos dançantes dedicavam tempo e atenção, com certo rigor e disciplina, para fazer do espetáculo uma manifestação luxuosa, no intuito de chamar atenção dos concorrentes e dos expectadores das apresentações.

Costumeiramente, não haviam premiações pecuniárias, muito embora os dançantes dos bois recebessem o tipo de reconhecimento e respeitabilidade social, que em situações comuns do cotidiano não era esperada. E essa realidade, por si mesma, proporcionava certas vantagens e ganhos indiretos.

Observa-se que nem sempre houve esse entendimento tão claro de que os festejos do *Boi* constituíam manifestações culturais de algum valor estético e prestígio.

Na verdade, entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, os *Bois bumbá* estiveram diversas vezes associados às práticas de vadiagem e à capoeira, em virtude de muitos cordões de bois abrigarem entre seus membros indivíduos que eram conhecidos pelos seus envolvimento com a ociosidade ou que haviam sido capangas de políticos locais e utilizavam-se das práticas de capoeiragem para eliminar seus oponentes eleitorais. Inúmeras vezes, esses indivíduos faziam das festas momentos propícios para resolver rivalidades, envolvendo-se em brigas durante os ensaios ou mesmo, após as apresentações.

Leal (2005, p. 241) afirma que na emergência da república, em fins do século XIX, o conhecimento da capoeira era fundamental para participar de um grupo de *boi bumbá*, uma vez que diante das disputas ocorridas entre grupos rivais pelas ruas da cidade, dependia-se muito dos golpes de capoeira para se defender (ou atacar) dos balisas, figuras emblemáticas e proeminentes nos blocos, que iam na frente dos cordões de bois, protegendo os demais integrantes. Nas palavras do historiador, “*nos encontros de bumbás, os menos valentes e menos hábeis se davam mal. Por isso, o conhecimento da capoeiragem era imprescindível*”.

Nas primeiras décadas do século XX, especialmente nos anos 20 e 30, os discursos acerca das práticas de sociabilidade construídas no interior dos grupos de *boi bumbá*, bem como as percepções a respeito do lugar social ocupado pelos *currais de bois* no contexto da cidade que se modernizava, oscilaram entre a crítica mais veemente (produzida pelas autoridades públicas policiais) e elogios que celebravam o valor cultural desses festejos para a feitura de uma identidade paraense, sinalizando o tom folclorístico de um discurso produzido por cronistas, romancistas e memorialistas.

Nesse movimento, os literatos classificavam os bairros e as ruas onde os cordões de bois costumavam se apresentar como sendo espaços privilegiados de manifestação da cultura regional. Para eles, os bois bumbá, com seus currais espalhados pelos diversos territórios do subúrbio, representavam as tradições passadas e há muito esquecidas ou desmerecidas numa cidade que se modernizava e avançava rumo ao progresso técnico e social.

Desse modo, a manutenção das apresentações dos bois bumbá circunscritas a uma delimitada territorialidade cidadina indicia os limites tênues da coexistência entre um passado rústico, mestiço e, em certa medida, místico, voltado para uma realidade mais rural e um presente demarcado por temporalidades aceleradas, permeadas por artefatos técnicos e novos hábitos culturais.

Por isso, é interessante constatar o lugar social atribuído aos subúrbios nessa paisagem cidadina reconhecida como em transformação e mudança. Assim, aos subúrbios caberia o papel de ser o território de preservação de uma certa cultura ancestral e primitiva, que persistia em existir mesmo nos tempos modernos vividos pela capital do estado, especialmente, por serem vistos como espaços habitados por populações pobres, de cor, portadoras de hábitos simples e rusticidade que lhes seriam peculiares.

Sem considerar eventuais dificuldades próprias do cotidiano daqueles que viviam nesses bairros, tais como, problemas com sistemas de esgoto e saneamento, irregularidade no fornecimento de energia e transportes, dentre outras questões, esses discursos optavam pelo viés das festas em tecer uma leitura idealizada dos territórios suburbanos e das gentes que os habitavam. Eram caracterizados pela alegria incontestante

presente nos festejos do *Boi*, pela pretensa ingenuidade de seus moradores e pela simplicidade natural das condições de habitação nesses territórios.

Dessa feita, silenciavam acerca das contradições, conflitos do dia a dia e mesmo das inter-relações que esses espaços mantinham com outros territórios da cidade e sua população, transmitindo uma imagem de isolamento, na qual o subúrbio existe como paisagem *sui generis* na urbe.

Nesse contexto, os grupos de *Bois bumbá* se articulam aos chamados *festejos joaninos*, que ocorrem durante as comemorações do mês de junho, quando são celebrados os santos católicos (São João, Santo Antônio, São Pedro, etc), organizando-se, então, em paralelo as quadrilhas juninas, feiras e quermesses com o intuito de celebrar essa religiosidade, originariamente católica.

Ocorre que diversamente das quermesses, feiras e mastros que se espalhavam por diferentes bairros da cidade, alguns mais centrais e outros periféricos, nota-se em relação aos festejos de bois, principalmente, nos anos de 1930 em diante, que havia uma concentração nas áreas suburbanas, imposta pela legislação que regulamentava as posturas municipais e apoiada pelos discursos da imprensa que consideravam tais manifestações práticas tipicamente exóticas, afeitas a territórios menos urbanizados.

À luz das descrições dos cronistas, nota-se a ênfase nos aspectos mestiços inerentes aos festejos, destacando-se as raízes africanas e a apropriação pelo colonizador luso de tipos humanos considerados próprios das culturas escrava e nativa, como, por exemplo, o tuchauá (cacique) e o preto de mina, personagens típicos do enredo do boi. Dessa feita, esse passado quase idílico se revela nos discursos da imprensa estreitamente ligado a origens étnico-raciais negras e índias, nas quais a evocação festiva dos elementos da natureza, da mata, dos rios e dos bichos era fundamental e se materializada na história contada pelo boi.

Ao mesmo tempo, tem-se um passado reconciliado com suas raízes escravistas e colonialistas, onde se conclama a presença da *preta mina* e do *velho africano*, que exprimem – na perspectiva dos literatos – a pretensa aceitação por parte do colonizador dos elementos exóticos que compunham a história pátria.⁴

Os festejos joaninos são os festejos do povo. As velhas tradições passadas, revividas na alma ingênua da nossa gente, **nos subúrbios poéticos da cidade**, proporcionam a essa gente simples e boa, a alegria e a satisfação verdadeiras. São os bumbás, os pássaros, os bichos, com os seus pagés, doutores, tuchaus, a preta mina e o velho africano, tipos arrancados a imigração dos escravos, que os colonizadores lusos traziam para a terra virgem, recém descoberta. E o pai Francisco e a mãe Catarina. E ainda há o tio Cazumbá. E o povo vibra e sai a rua, batendo pandeiros, tocando maracas e taboinhas. Santo Antonio São João e São Pedro são festejados e queridos. E há os banhos, as sortes e as fogueiras. Tudo; arraiais se fazem, com barraquinhas garridas, onde se come e bebe do melhor.

⁴ Daí questionarmos em que medida a mudança de discurso sobre os festejos de boi bumbá em Belém, nas décadas de 1920 e 1930, também não corresponderem a tentativas locais de construção de uma visão conciliadora da história nacional, sustentada por uma leitura folclórica do festejo, que reconhecia a escravidão como “migração” e harmonizava as “maracas e pandeiros” com a orquestra e os santos populares de origem branca. Atente-se que para alguns estudiosos, o Boi constituía a mais brasileira das danças dramáticas populares, de origem exclusivamente lusitana e que incorporou elementos de outras culturas (DIAS JR, 2010, p.76).

E é no Umarizal, o bairro por excelência onde o povo sabe festejar os santos populares, que são mais encantadoras as festas. Lá, temos o Boi Canário, brincadeira que há muitos anos vem fazendo sucesso com os seus cantos, as pilhérias do pai Francisco e os requebros da mãe Catarina. É lá que o arraial se enche do povo, que uma orquestra alegre os convivas e o povo diverte-se a valer, até alta madrugada. E, para os que amam ainda, as nossas tradições avoengas, tão cheias dos primeiros sentimentos de alegria da nossa raça, é agradável passar a noite assistindo ao boi Canário.⁵

Nas revistas literárias e em algumas crônicas jornalísticas, os bois bumbá, conectados aos festejos joaninos, surgem como comemorações indissociáveis das outras práticas inerentes ao período como, por exemplo, o banho de cheiro, a benção e a fogueira, constituindo-se, na verdade, a principal atração dos arraiais que se instalavam na cidade nos meses de junho e julho.

Nesses discursos, o local onde o curral era instalado e as ruas por onde havia algum cortejo para o *Boi* indicavam também os espaços reconhecidos como sendo genuinamente territórios de gente simples, de gente do povo, de herdeiros das velhas africanidades expressas nas pilhérias do *pai Francisco* e nos requebros de *Mãe Catarina*, personagens tão importantes no enredo do Boi.

Portanto, o trajeto do desfile e a localização do curral tornavam-se importantes indicadores do circuito de urbanidade construído pelos populares, destacando-se a menção precisa de bairros (neste caso, o Umarizal), nos quais esses segmentos demarcavam seu modo de viver na capital, recheado com alegria, com festejo, com tradições revividas em danças e com brincadeiras.

Contrapondo as imagens de sofrimento, ociosidade ou criminalidade atribuídas pelos jornais nas principais notícias veiculadas sobre o cotidiano dos trabalhadores pobres urbanos, as referências às manifestações das velhas tradições e festejos inocentes possibilitam uma espécie de reinvenção das leituras sociais acerca das vivências que se articulavam em torno da festa dos Bois bumbá, distanciando essa prática da perspectiva da vagabundagem e/ou violência tão comuns nas décadas finais do século XIX e primeira década do século XX.

De modo divergente ao exposto e corroborando para manter o estigma de festejo desregrado e reduto de criminalidade, alguns jornais durante o período pesquisado optam por apresentar outra leitura acerca dos bois bumbá, seus respectivos participantes e currais, insistindo em associar o Boi às práticas indesejáveis legal e moralmente.

Ora, é sabido que os *Bois bumbá* são originalmente comemorações de rua, de grupos de tradição negra, que abrigavam gente das camadas populares, capoeiras e outras pessoas vistas como perigosas. Costumavam transitar livremente pela cidade, sendo comum a demarcação de territórios específicos por diversos grupos, que lhes seriam mais propícios aos desfiles, proibindo o trânsito de grupos ‘rivais’ nesses espaços.

Porém, no final do século XIX, esses grupos de Bois foram especialmente perseguidos pela polícia, sendo então promulgadas leis que os confinavam aos chamados ‘currais’, que eram espaços onde o Boi deveria ficar preso e seus brincantes deveriam ir visitá-lo, mantendo-se dias e horários específicos para apresentações que ocorriam num palco erguido para esse fim.

⁵ Revista *Belém Nova*. V.01, nº 17, Junho, 1924. As festas populares. O Boi Canário.

Com o passar do tempo, esses currais tornam-se verdadeiros parques de diversão, onde eram instaladas, nas proximidades, as barracas e vendinhas, congregando diferentes atrações num mesmo espaço, cujo epicentro se tornou o palco onde se processavam as apresentações. Posteriormente, a partir da primeira década do século XX, o palco passou a ser utilizado para outras atrações e em épocas diferenciadas do ano.

Já durante os anos vinte e trinta, a espacialidade dos desfiles dos bois era delimitada pelos bairros em que os componentes de cada grupo residiam e onde costumavam ensaiar as danças, circular cotidianamente, manter relações de vizinhança e, principalmente, onde costumavam firmar o curral do Boi.

Pode-se afirmar, em analogia ao que postulou Magnani (2003, p. 115), que esse processo dinâmico de uso dos espaços citadinos, com fulcro nos itinerários de festejo dos Bois bumbá, contribuiu para a formação de certa territorialidade em que se tinha um componente de ordem espacial (determinados bairros e/ou ruas, casas e/ou terreiros) ao qual correspondia uma determinada rede de relações sociais (ser membro do mesmo grupo, vizinhos de terreiro, rival), às quais, por sua vez, tinham como ponto de referência que delimitava seu núcleo, o local de origem do Boi, onde se ensaiava e onde se instalava seu curral.

Se considerarmos o conteúdo das fontes policiais, tem-se que havia um ritmo cadenciado de ocorrências acerca de tumultos, solicitações de permissões para ensaios, festas e procissões não somente nos currais e suas proximidades, como também pedidos insistentes de autorização para desfiles de Bois e Pássaros juninos por outras ruas de certos bairros e distritos.

Para os cronistas que escreviam as páginas policiais da *Folha do Norte*, por exemplo, as apresentações de bois bumbá costumavam ser palcos de brigas, crimes e contravenções, levando a polícia a ver esses espaços como *fócos de ameaças* à ordem moral e social citadinas.

Para essa parcela da imprensa belemita, o maior problema era o ambiente perigoso que se gerava em torno das encenações, o qual estimulava a promiscuidade moral dos espectadores, muitos dos quais frequentavam os currais em busca de aventuras amorosas ou com o intuito de se embriagar e praticar gatunagens.

Na perspectiva da polícia e dos sujeitos oriundos de famílias que se consideravam respeitáveis, os currais de *Bois Bumbá* e os grupos que neles se apresentavam ofereciam perigo à segurança das famílias, por se tratarem de homens de cor e pobres, alguns sem ganhos fixos ou emprego conhecido, e diversos deles com passagem pela polícia por desordens e bebedices. Por exemplo, Raymundo Sabino de Sena, que se envolveu numa confusão durante as apresentações do Boi Bumbá *Flor da Noite*, no bairro do Guamá, tendo sido duramente repreendido pelo comissário de polícia que ali se encontrava.

Raimundo Sabino de Sena, brasileiro, casado, residente nesta cidade na travessa Mundurucus, vem como o máximo respeito e acatamento, expor e requerer a V.Exma o seguinte: No dia 15 cerca de meia noite estava o suplicante juntamente com sua mulher assistindo as festas do ensaio de um *boi bumbá* que se realizava no lugar denominado Guamá, fins da rua José Bonifácio, nesta cidade, quando sem motivo algum foi espancado pelo sr. Raymundo Salles que

se diz comissário de polícia sendo também empregado na repartição de Águas desta cidade, o qual empunhando um rebenque de fios de arrame produziu no suplicante vários ferimentos, em presença de várias pessoas que protestaram contra tão perverso e injusto procedimento por parte do referido sr., e ainda não satisfeito prendeu o suplicante conduzindo-o até a subdelegacia de São Braz, onde foi mandado para sua casa. E como o procedimento do suplicado é considerado na lei como crime, o suplicante vem, mui respeitosamente, requerer a V. Sa. Exma. Para os fins legais, a abertura do competente inquérito, submetendo-se a exame de corpo de delito, indicando como testemunhas presenciais, entre muitas outras, João Cesário e, Francisco Almeida, moradores do dito lugar Guamá, e também proprietário do Boi Bumbá, Sr. Isaias. Nestes termos, pede deferimento (Raymundo Sabino de Senna).⁶

Observa-se que, apesar de Raymundo Sena ter apresentado queixa detalhada acerca dos ferimentos que lhe tinham sido feitos por Raymundo Salles, na prática, o subdelegado do bairro de São Braz não considerou procedente o pleito do requerente, em virtude do mesmo contar com diversas passagens pela polícia e ser conhecido naquele distrito pelo envolvimento em outras ocorrências policiais, na condição de acusado.

Esta delegacia conforme despacho de V.Sa. Exma. exarado na presente petição apurou com testemunhas insuspeitas que o peticionário foi o único provocador da desordem havida no arraial do Boi Bumbá 'Flor da Noite', de responsabilidade de Isaias Agapito de Souza Santos, dando assim motivo para que o Comissário daquela zona Sr. Manoel Raymundo Sales, agisse com energia fazendo valer sua autoridade. O queixoso Raymundo Sabino de Sena, conforme ficou apurado é um indivíduo de maus precedentes, desordeiro contumaz e afeito a praticar desordens. Foi o que apurou esta Delegacia, referente ao caso em apreço.⁷

Assim, o fato de o requerente ser visto como indivíduo de maus precedentes fez com que seu requerimento sofresse juízo de valor por parte do investigador de polícia, gerando implicitamente a desconfiança acerca das declarações que haviam sido prestadas pelo mesmo, sobre as agressões que lhe tinham sido desferidas pelo comissário Raymundo Salles.

Em termos concretos, a palavra do requerente passou a valer menos do que a palavra da autoridade policial a partir do momento que foi descoberto seu passado de desordens.

Nesse sentido, não é leviano entender que a imprensa jornalística condenava o festejo muito mais em função das características morais que permeavam os sujeitos sociais que dele participavam: negros, migrantes pardos, homens e mulheres pobres, indivíduos dados a prática da capoeira, sujeitos com passagens pela polícia eram tidos como os principais frequentadores dos Bois e, por isso, passíveis de serem vistos como perigosos.

Não obstante, a heterogeneidade que compunha os terreiros de boi bumbá, a

⁶ Belém. Petições. 1938. Requerimento que faz Raymundo Sabino de Sena. 17 de maio de 1938.

⁷ Belém. Petições. 1938. Ofício em resposta ao despacho proferido pelo Dr. Chefe de Polícia. 23 de maio de 1938.

diversidade de práticas de lazer ali manifestas, tais como as danças, falações em alta voz, músicas, bebedices, etc., incomodavam os segmentos sociais mais ricos e que consideravam tudo que ocorria no curral uma espécie de afronta à moralidade pública.

Os moradores da José Bonifácio, no bairro do Guamá, estão alarmados com um 'boi bumbá' que está sendo ensaiado na casa de um Sr. Isaias, onde há barulho todas as noites, correndo cachaça a granel e jogo desenfreado. Sempre há desordens, juntando-se ali pessoas de todas as procedências. Não poderia ser melhor publicado o 'boi' do 'seu' Isaias?⁸

A petição apresentada pelos moradores da estrada José Bonifácio, no bairro do Guamá, contra os ensaios promovidos por um Boi de propriedade do Sr. Isaias ilustra bem essa percepção. Conforme se conclui do teor da reclamação, ali se juntavam 'pessoas de todas as procedências', deduzindo-se que havia certa aglomeração nos ensaios, os quais eram movidos à música, diversões por jogos e consumo de bebidas alcoólicas, práticas que costumeiramente eram associadas à vagabundagem e à contravenção. Talvez, por isso, fosse inaceitável aos moradores daquele logradouro continuar suportando os ensaios do Boi, que mais tarde viríamos a saber, chamar-se "Flor da Noite" (o mesmo frequentado por Raymundo Sabino de Sena).

A resposta do Comissário de polícia para a reclamação apresentada foi:

(...) tenho a informar o seguinte: no dia 15 do corrente mês, houve de fato uma desordem no curral do boi denominado 'Flor da Noite', sito a rua Silva Castro, s/n, tendo sido preso os promotores da referida desordem, pelo comissário do bairro do Guamá, o qual os remeteu para esta sub-delegacia, onde foram registrados. Quanto ao funcionamento do mesmo, tenho a declarar que nos ensaios começaram a se realizar desde o dia 10, data correspondente ao dia seguinte da entrada da petição do requerente, pedindo permissão para o referido ensaio. É o que me cumpre a informar para V.Sa. Excia.⁹

A polícia mostrou-se diligente em relação à fiscalização dos ensaios do Boi "Flor da Noite", demonstrando de que modo os poderes públicos tratavam esses festejos, sempre vigiados e considerados perigosos. Ao longo da década de 1930, notamos um número significativo de pedidos de licença para ensaios, desfiles de cordões de Boi Bumbá e montagem de currais para apresentação dos bois. Tal qual o impetrado pela Sra. Catarina Paes de Andrade, de 35 anos de idade, residente na Avenida Duque de Caxias, nº 538, no bairro da Pedreira e proprietária do Boi Japií, que pediu autorização para realizar os ensaios do citado boi em sua casa e teve como resposta a advertência para que os ensaios do grupo fossem realizados sempre à tarde, não excedendo as 18 horas.¹⁰

Através das petições apresentadas ao Chefe de Polícia Municipal, é possível elencar os diversos grupos Bois bumbá que existiam pela cidade, os quais transitavam principalmente por bairros mais distantes do centro comercial citadino. Essas petições serviam para legitimar o direito à circulação dos bois pelas inúmeras ruas da urbe,

⁸ *Folha do Norte*. Belém, 16 de maio de 1938. O Povo reclama. Um boi arreliado.

⁹ Belém, 18 de maio de 1938. Informações prestadas pelo sub-delegado de São Braz, em razão do despacho exarado pelo 1º Delegado da capital. (Dê-se a licença na forma legal.)

¹⁰ Petições. Belém, 10 de maio de 1938.

bem como para resguardar seus proprietários contra eventuais multas e fiscalizações inesperadas.

Tabela 1: Listagem de alguns grupos de Boi Bumbá e localização de seus terreiros e/ou casas dos proprietários.

Grupo Cavalinho Malhado de Festejos joaninos	Trav. 14 de Abril, nº 75
Grupo Cordões Joaninos	Rua Tamoios, nº 353 – Pedreira
Grupo Zebra	Trav. Humaita, nº 385 – Umarizal /Pedreira
Grupo Joanino Periquito	Av. Conselheiro Furtado, nº 1636 – Guamá
Grupo Joanino Canário Belga	Trav. 14 de Março, nº 118, Entre a Vila Guarani e Guela da Morte – Umarizal
Bumbá Novo Querido	Rua da Municipalidade, entre travessas José Pio e Djalma Dutra – Umarizal
Bumbá Estrela do Norte	Trav. José Bonifácio, nº 1006 – Guamá
Bumbá Pae da Malhada	Travessa Alferes Costa, nº 1009 – Telégrafo sem fio
Boi Flor da Duque	Av. Duque de Caxias, nº 1310 – Pedreira
Bumbá Boi brilhante	Trav. 14 de março, nº 354, entre ruas Antonio Barreto e Diogo Moia – Umarizal
Bumbá Estrela Dalva	Rua Silva Castro s/n – Guamá
Boi Bumbá Flor do Norte	Rua Silva Castro, s/n – Guamá
Grupo Joanino “Culera”	Rua dos Timbiras, 491 – Jurunas
Boi Bumbá Riso do Campo	Trav. 22 de Junho, nº 08 – Cremação/Jurunas
Bumbá Última Hora	Av. Marquez de Herval, nº 833 – Pedreira
Bumbá Pae do Campo	Cesário Alvim esquina com a Carlos de Carvalho – Jurunas
Bumbá Flor da Pedreira	Av. Pedro Miranda, nº 661 (esquina com a Mauriti) – Pedreira
Boi menino	Travessa Mauriti, nº 398 -
Boi Bumbá Estrela Dalva do Pinheiro	Travessa dos Berredos, Vila do Pinheiro – Parada da Agulha do Curro
Boi Bumbá Pae da Hora	Trav. De Humaita, s/n – Pedreira
Boi Bumbá Estrela Dalva	Av. 1º de Maio, fundos do cinema São João – Umarizal
Boi bumbá Lindo Cravo	Av. 1º de Maio, nº 723 – Curro Velho
Boi bumbá Estrela do Norte	Rua Barão de Igarapé Mirim, nº 84 – Guamá

Fonte: Petições apresentadas a subprefeitura de Belém, nos anos de 1930, 1931, 1932, 1934, 1938.

Por outro lado, os conteúdos dessas petições nos revelam a multiplicidade de territórios em que as manifestações se faziam presente durante os meses joaninos, indicando, em conjunto com os artigos de jornais, que os currais de bois bumbá compunham ao lado dos botequins, mercearias e frêges, importantes *locus* da sociabilidade popular.

Decorreram muito animadas as últimas noites da evocativa época Junina. Os bairros, fora do centro da cidade, estiveram movimentados até pela madrugada. Os foliões fizeram solenes despedidas e muitos paneiros foram sacrificados às fogueiras.

Deu a nota final alegre, o grupo do “Gallo”, que parecia mais um grupo de “Pintainhos”, pois era composto de menores de dez anos. Os galinhos fizeram diversas visitas e onde viam que o dono da casa não lhes oferecia um docinho, ao menos, iam saindo cantando.

O'lê, O'lê, O'lê

O'lê, O'lê, Ólá

Já estou arrependido

De vir aqui dançar

Estavam bem preparados, tinham graça e saíram da Vila Natal, dirigia o grupo de Petizes, a cuja frente ia o Anesar feito amo, uma senhorinha, e fazia de baliza o “pirralho” Laróca.

O bumba “Pai do Campo” fará amanhã sua fugida para a mata. O “Curral”, á rua dos Pariquis estará em festa. Na semana entrante começará a matança dos bumbas e bichos de diversas espécies.¹¹

Da notícia transcrita depreende-se que nesses currais de bois transitavam tanto adultos quanto crianças, meninos e meninas que apreendiam com os mais velhos os rituais, códigos e símbolos presentes nos festejos e as repetiam anualmente, assegurando a continuidade dessas manifestações culturais entre os populares.

Regadas a música e danças, contando com a participação de membros de diferentes idades, mas dedicados e fervorosos, os grupos de Boi Bumbá e suas apresentações de rua se mantiveram na paisagem urbana belemita, ao longo dos anos 1920 e 1930.

Boi Veludinho – realiza-se hoje a noite, a fugida, e amanhã ás 3 horas da tarde, será agarrado, levado para o curral e abatido.

Haverá danças e tocará uma banda de música.

Na prática, a maioria dos pedidos era deferida desde que fossem pagos os emolumentos legais. Porém, para que o requerimento fosse adequadamente respondido também se mostrava necessário que o comissariado de polícia procedesse, primeiramente, às diligências nas sedes e espaços destinados ao funcionamento do curral, para saber as reais condições dos ambientes em que seriam feitos os ensaios ou instalados os currais.

Essa atitude era um meio de tentar evitar que se multiplicassem as reclamações contra as apresentações e confusões no entorno das áreas onde os bois se apresentavam.

¹¹ *Folha do Norte*, 02 de Julho de 1930, folha 03. Festas Populares. Últimos Ecos da estação Junina.



Figura 2: Boi *Flor da Campina*. O grupo posa para a fotografia tendo ao fundo uma casa de *pau a pique* construída em um terreno de chão batido, indiciando tratar-se de uma barraca, que era uma espécie de moradia muito comum nos bairros habitados por proletários e trabalhadores pobres. Não é possível afirmar que se tratava da residência do “dono do boi”, porém, há grande probabilidade de o ser, uma vez que eram comuns os pedidos de autorização para ensaios de bois no próprio espaço doméstico daqueles indivíduos que se auto intitulavam ‘proprietários’ de currais de bois. Sendo assim, antes de saírem para os desfiles e apresentações pelas ruas, muitos bois ensaiavam nas casas e terreiros que pertenciam aos seus proprietários. Nota-se que o grupo é formado quase exclusivamente por negros, destacando-se meninos e crianças; não se percebendo a presença de mulheres. Fonte: Revista *A Semana*. Volume 03, nº 117. 1920.

Nas poucas imagens encontradas nas revistas de mundanismo que circulavam por Belém, no período pesquisado, é possível ver a presença esmagadora de indivíduos negros vivendo os personagens da trama e, também, crianças envolvidas de diferentes formas nos festejos, ora como integrantes do grupo ou como espectadores atentos nas arquibancadas.

Essa participação infantil é inquietante, posto que nas falas da polícia só apontavam a periculosidade dos Bois bumbá para os infantes, denunciando-os como ambientes inseguros e perigosos, particularmente para as crianças. Todavia, as imagens fotográficas revelam crianças e adolescentes do sexo masculino principalmente, que participavam ativamente dos festejos e que, assim, assimilavam paulatinamente a importância desse momento, reproduzindo rituais que os mais velhos transmitiam e propagando certas práticas identitárias do grupo.

As pastorinhas, festejos aos santos e ritos de devoção

Conforme explica Salles (1994, p. 316), as pastorinhas se constituem em autos populares, assim como o boi-bumbá de rua, mas que dele se diferenciam pela organização em torno dos festejos do advento, ou seja, das comemorações natalinas, vinculadas diretamente ao calendário litúrgico religioso católico e lusitano.

Eram grupos que percorriam as ruas da cidade, animados por música e danças, batendo de casa em casa onde havia um presépio armado e fazendo suas apresentações

naquelas moradias que as aceitavam e as acolhiam. Tratava-se, na verdade, de mais um tipo de cordão popular, que se iniciava com um número pequeno de convivas e, ao passo que transitava pelas ruas, ia formando um aglomerado cada vez maior de gente envolvida pelas músicas, pela animação e movidas pela devoção ao menino Jesus.

Historicamente, tais comemorações datam do início da colonização e foram introduzidas pelos missionários e pelas famílias mais abastadas da época, as quais construíam belenzinhos, lapinhas ou presépios,¹² diante dos quais costumavam cantar louvores ao 'Menino Jesus'. E enquanto os religiosos costumavam organizar os autos e mistérios, apresentados no interior das igrejas e santuários, os devotos dedicavam a erguer em suas casas os presépios e promover bailes em alusão ao festejo.

Em Belém, ainda no século XIX, essas festas proliferaram ao ponto de o governo local tentar coibir as comemorações privadas, já que não se admitia festa de cunho religioso sem arraial que estivesse tutelado por uma igreja e fiscalizado pelo poder público.

Nas palavras de Salles (1994, p., 312),

Até as festas promovidas pelos promesseiros, algumas famosas como a do mestre Martinho ou a de Tia Ana das Palhas, apresentavam esta singularidade: mistura de arraial, feira-livre e devoção. (...) Como era costume, a principal fonte de atração da festa era o arraial. Onde havia grande presépio, centro de atenção e devoção dos festeiros. (...) No meio do terreiro, capinado a capricho, erguiam-se tómbolas para a venda de bilhetes de rifas e sortes ou amontoavam-se tabuleiros de comidas. Havia pastéis de camarão e caranguejo, mingau de milho, canjiquinhas, broas, tremoços, pamonha, amendoim torrado, uma convergência de doces e beberagens.

Nas décadas de 1920 e 1930, constatou-se a existência de, pelo menos, dois tipos de festejos construídos com base nessa tradição natalina, a saber: os *Cordões de Pastorinhas*, organizados por famílias, vizinhos ou amigos, que se reuniam nos meses que precediam o Natal para ensaiar nas casas dos membros dos grupos e, posteriormente, saíam em desfiles pelas ruas dos bairros em que viviam ou transitavam com frequência; e os grupos pastoris, organizados por famílias ou companhias de teatro popular, que se apresentavam em teatros de tablado e participavam de festivais e competições, cujo âmbito de alcance excediam os bairros residenciais e as territorialidades, por assim dizer, proletárias.

Neste artigo, cuidaremos tão somente da primeira espécie de cordão pastoril, referente aos grupos organizados por indivíduos provenientes dos segmentos de trabalhadores pobres e que mantiveram a tradição dos desfiles de ruas e apresentações nas casas.

Observa-se que esses cordões costumavam ser mantidos por devotos do *Menino Jesus e muitos* eram formados quase que exclusivamente por mulheres, adolescentes

¹² Belenzinho e/ou Lapinha é um pequeno nicho ou presépios que se arma/monta para as festas de Natal e Reis, podendo servir também como uma espécie de palco e/ou cenário para apresentações relacionadas aos festejos cristãos, tratando-se neste caso da própria representação dos pastores que faziam louvações frente ao presépio na noite de Natal. É tradicional no folclore brasileiro, principalmente no Nordeste. Caracteriza-se pelo conteúdo hierático de adoração ao Menino Deus, com estrutura bastante definida, como a chegada ao presépio, adoração, tentativa de rapto ao Menino Jesus, sedução da pastorinha, previsões da cigana, ofertório, despedidas e queima de Lapinha.

e crianças, sinalizando a percepção que inúmeros munícipes nutriam acerca desses sujeitos sociais, os quais eram vistos como entes quase angelicais e detentores de maior pureza. Podemos citar, como exemplos, o grupo pastoril *Filhas de Israel* (Pedreira), composto exclusivamente por meninas entre 12 e 16 anos; o grupo pastoril *Belas Indianas*, formado apenas por crianças pobres do bairro da Cremação, e o grupo *Jovens do Guamá*, composto só por crianças.

Essa percepção da necessidade de manter uma certa áurea de moralidade na formação do grupo pastoril parece ter relação com o fato de que se tratava de uma festa nascida no interior de uma tradição religiosa cristã (o Natal), ainda que tenha se diversificado nas formas de comemoração ao longo do tempo.

Tabela 2: Relação de alguns grupos pastoris da Cidade de Belém.

Grupo Pastoril Filhas de Israel	Trav. Duque de Caxias, nº 195 - Pedreira
Pastorinhas “Estrellas de Belém”	Trav. Caldeira Castelo Branco, nº 27 – São Braz
Cordão Pastoril “Jovens Moreninhas”	Av. 1º de Dezembro, nº 107 – Marco da Légua
Grupo Pastoril “Estrellas do Oriente”	Boulevard Dr. Freitas – Cidade Velha
Soc. Beneficente Coração de Jesus	?
Rancho Pastoril “Filhas de Japhet”	Trav. Angelo Custodio, nº 29-G – Cidade Velha
Grupo Pastoril Belas Indianas (crianças pobres do bairro)	Rua dos Caripunas, nº 180 – entre 9 de Janeiro e 3 de Maio Cremação
Grupo Pastoral Filhas da Turva	Trav. Do Chaco, nº 1184 – Marco da Légua
Grupo Pastoril Jovens do Guamá	Trav. José Bonifácio, nº 1036 – Guamá
Pastorinhas jovens moreninhas	Trav. Guerra Passos, nº 183 – Canudos
Grupo Pastoril As Jerusalinas	Rua Antonio Barreto, nº 337 – Umarizal
Grupo Pastoril Neozóthi	Trav. Duque de Caxias, nº 981 – Pedreira

Fonte: petições que apresentaram ao poder público solicitando autorização para ensaiar, percorrer as ruas e casas fazendo apresentações. Anos de 1931; 1932; 1934; 1938.

Os momentos de ensaio e apresentações dos grupos pastoris, pelas ruas dos bairros do entorno do centro da cidade, representavam momentos de compartilhar a fé, de encontrar velhos amigos, conhecer novas pessoas, repartir comidas e bebidas, indicando a existência de várias formas de solidariedade popular, as quais perpassam por vivências coletivas e festeiras da urbe.

Nessas ocasiões, os participantes dos grupos, familiares, espectadores e curiosos, que ali se achegavam, demarcavam seu lugar social na cidade, revelando a presença de uma significativa rede de sociabilidade popular, a qual dispensava a presença de artefatos de tecnologia para ocorrer, tais como o cinema e o rádio, tão difundidos na época.

As cantorias eram acompanhadas por músicos que tocavam rabeca, violão, chocalho e diferentes tipos de tambores, instrumentos fáceis de transportar e que possibilitavam o deslocamento do cortejo de pastores pelas ruas dos bairros.

O ponto culminante das apresentações era a chegada do cordão nas casas em

que havia presépio, já que era nesses espaços que o grupo desenvolvia narrativa teatral do nascimento de Jesus, seguida de comilança e, às vezes, um tempo de dança entre os presentes.

A grande característica desses cordões era a itinerância, muito embora tenha havido famílias que organizavam *pastorinhas domésticas*, compostas exclusivamente por integrantes de um mesmo grupo familiar. Tudo isso na busca por fixar o cordão num determinado espaço cênico, para o qual buscavam maior infraestrutura (um pequeno tablado, pano de boca, luzes, etc.).

Outro aspecto interessante das festas promovidas pelos cordões pastoris diz respeito ao ambiente criado nos arredores das apresentações, o qual era aconchegante e heterogêneo ao mesmo tempo, propício para se começar um namoro, mas também viável para se resolver litígios.

Nessas ocasiões, o teor religioso da comemoração não impedia que certos participantes aproveitassem o momento para tecer conversas mais íntimas e aproximar-se de possíveis pretendentes. Tal como Isabel Maria de Assis, residente a Travessa 14 de Março, nº 54, que dançou com o foguista Joaquim Ventura Ramalho, morador da rua João Balby, nº 81, no Umarizal, durante a apresentação pastoril realizada na casa de Nhá Elysia, também na rua João Balby, passando a partir daí tecer relações de namoro com o mesmo.¹³

Além das pastorinhas itinerantes, talvez inspirados pelas tradições de comemorações ao advento realizadas sob a tutela e supervisão da igreja na época colonial, verificou-se inúmeras referências nos jornais da cidade acerca de festejos populares em devoção e agradecimento a santos da tradição católica.

Celebrações a São Sebastião, Cosme e Damião, Santo Antonio, São Domingos, São José, dentre outros personagens da história cristã eram promovidas por grupos de devotos, assegurando um circuito de festejos em variados pontos da urbe e em diferentes meses do ano.

Activam-se os preparativos para levar a efeito com todo o esplendor a festa anual do glorioso São Domingos, em sua capella, á rua Caripunas, cujo início será, impreterivelmente, a 5 de setembro, domingo próximo, terminando a 19. Hoje, a tarde, as 3 horas, será posto em arrematação o botequim do pavilhão a quem maior lance oferecer, assim como serão demarcados os logares para barracas, continuando a diretoria da festa a disposição das pessoas que com ela queiram se entender, durante toda a semana, das 8 da manhã as 6 horas da tarde.¹⁴

Tratava-se dos arraiás e/ou quermesses realizados em largos, praças e outros espaços públicos importantes da cidade, autorizados pela polícia e sob a fiscalização dos agentes públicos.

Nos anos pesquisados, percebeu-se que essas comemorações estiveram pulverizadas nos mais distintos bairros da cidade e eram organizados por associações, grupos de amigos e famílias, com vistas a celebrar aniversários de santos de tradição

¹³ *Folha do Norte*. 08 de agosto de 1920. Fls. 04. O Cupido em Ação.

¹⁴ *Folha do Norte*. Belém, 29 de agosto de 1920. Festas Populares. A de São Domingos, no bairro do Juru-nas.

católica ou rememorar anualmente graças recebidas.

No bairro da Usina da Cremação, á travessa Nove de Janeiro, esquina da rua Conceição, terá início, no próximo domingo, 17 do corrente, a festividade em honra do glorioso S. João Batista, que, por motivo de força maior fora adiada. O local em que vão ser realizados os festejos já se acha recebendo o respectivo embandeiramento.

São juizes da festa os srs. Drs. Francisco Garibé da Rocha, capitão Napoleão S. Silva Junior, José Celso de Castro e Lino de Sousa, e juizas as exmas, srs. D.d. Tereza de Campos Castro, Isabel Pereira Lima, Diva Ferreira Machado e Anna Barbosa Miranda. A festa terminará em 24 do corrente, reinando para a festa o máximo entusiasmo.¹⁵

Na travessa Nove de Janeiro esquina da Conceição começa, hoje, á noite, a festa de São João. Haverá ladainha em altar preparado, iluminação e decoração daquele perímetro, música, balões e outras diversões de arraial. A festa terminará na noite de 25. Esforça-se a diretoria para que tenha excepcional esplendor, tanto os atos do culto como os profanos.¹⁶

Cremação, Jurunas, Umarizal, Pedreira, Canudos e Telégrafo-sem-fio figuravam entre os bairros em que comumente os moradores organizavam festas aos santos. Através de associações de vizinhos, grupos de devotos de determinado santo católico criavam-se comissões, definiam-se gerentes de festa e dirigentes de quermesse, os quais tinham a função de assegurar a ordem e a diversidade de atrações para o evento. Parte dessas atrações consistia em barracas para venda de comidas, jogos de roleta sem uso de máquinas ou objetos mecanizados, comércio de bilhetes para sorteio de brindes, dentre outros elementos.

Festa do sagrado coração de Maria – prosseguem com muita atividade os preparativos da festa que a Sociedade Beneficente do Sagrado Coração de Maria vai promover na travessa 22 de Junho, entre Oliveira Belo e Bernardo Couto, no Umarizal, em homenagem á sua padroeira. Hoje estará ali a diretoria á disposição das pessoas que queiram alugar terreno para barraquinhas e etc. A decoração começará a ser feitas a meados da semana entrante.¹⁷

Essas espécies de “arraiaís” costumavam ser instaladas no entorno das praças e largos mais importantes dos bairros, garantindo assim a circulação do maior número possível de pessoas, chamando a atenção da imprensa e, por outro lado, fomentando um comércio especializado em produtos e serviços próprios para essas ocasiões.

Ao lado dos arraiais realizados nas praças da cidade e que contavam com a fiscalização do poder público, havia ainda as festas promovidas por pequenos grupos ou individualmente por munícipes que se consideravam afilhados de santos, devotos ou recebedores de milagres e prodígios. Neste caso, o costume consistia em levantar um mastro votivo ao santo padroeiro, santo de devoção ou àquele a quem se atribuía o

¹⁵ *Folha do Norte*, Belém, 13 de julho de 1915. Fls. 03. No bairro da Usina da Cremação.

¹⁶ *Folha do Norte*, 18 de julho de 1915, folha 02, coluna 01. Festas Populares. No bairro da Usina de Cremação

¹⁷ *Folha do Norte*, 25 de Julho de 1915, fôlha 4. Na Travessa 22 de Junho.

milagre.¹⁸

Amanhã, Quinta-feira de ascensão, terão início as populares e tradicionais festas do Divino Espírito Santo com o levantamento dos mastros votivos nos diversos bairros de Belém.

-Na travessa Caldeira Castelo Branco entre Mundurucus e Pariquis, essas pitorescas festas são de iniciativa da Sociedade Beneficente do Divino Espírito Santo, que esta transformando aquele perímetro em arraial.

- Amanhã, às 4 horas da tarde, efetuar-se-á a transladação do mastro, saindo de em frente do campo de esportes do Paysandu S. Clube á avenida Tito Franco e fazendo itinerário seguinte: Praça Floriano Peixoto, Avenida Cypriano Santos, travessa 9 de Janeiro, avenida Gentil Bittencourt, travessa Caldeira Castelo Branco até a sede onde será levantado solenemente.¹⁹

Também podia se fazer ladainhas, promover cantorias e celebrações diversas que utilizavam tanto o espaço da casa do patrocinador do festejo, quando as áreas adjacentes a mesma, circunscrevendo-se ao quarteirão no entorno do mastro erguido ou até algumas ruas em volta da casa do patrocinador da festa. Tudo dependia do poder aquisitivo do celebrante, da aceitação dos vizinhos e das atrações que o devoto conseguia trazer para a ocasião.

Na travessa José Bonifácio á caminho do Guamá a festa é promovida pela “tia” Anna Bernarda, constando de procissão da coroa, ás 5 horas da tarde com seu cortejo de anjos foliões estendendo bandeiras e troféus encarnados e brancos tambores, marinheiros e etc. levantamento do mastro florido, esta a bandeira do Divino, e a noite ladainha. Estas festas terminarão sem outra procissão da coroa, derrubação do mastro e ultima ladainha á 19 de Junho.²⁰

De Campos Ribeiro, em *Gostosa Belém de Outrora*, relembra alguns mastros votivos que se destacavam no cenário citadino nos anos 30 e 40, mencionando o bairro do Umarizal como destaque nesses festejos:

O cortejo regressa da missa, mandada rezar pela devota que para isso leva á Igreja seu próprio Santo. Vai para a sede dos festejos para a derrubada do mastro votivo, à tarde.

Esse mastro, já bem antigo, levantam-no em nossos dias os descendentes de seu primeiro promotor, há bom par de anos dormindo o sono de que nunca despertam bons ou maus, honestos ou patifes, mas que se costuma chamar o

¹⁸ Nos dias consagrados aos santos católicos ou à Santíssima Trindade, mastros são levantados, ornados e encimados pela bandeira do santo homenageado, compreendendo, em geral, três etapas de execução, a saber: o corte do mastro e puxada do mastro, antecedendo a festa religiosa propriamente dita, mas celebrada também com procissão e cantoria; a fincada do mastro, em geral durante a festa, e a derrubada do mastro, que sinaliza o fim dos festejos. Portanto, o mastro é uma insígnia de grande importância em várias comemorações religiosas. Para alguns, não é apenas um elemento decorativo, mas adquire função primordial em contexto ligado a religiões primitivas, unindo céu e terra, vivos e mortos, corpo e alma. Para outros, trata-se de um expediente utilizado para sustentar a bandeira do santo e que precisa, portanto, se conectar com o restante do contexto, passando a ser decorado e ocupar posição de centralidade nas festas (MONTEIRO, 1961, p. 43).

¹⁹ *Folha do Norte*, 28 de Maio de 1930, folha 02.

²⁰ *Folha do Norte*, 28 de Maio de 1930, folha 02.

sono dos justos...

De qualquer maneira, esse Mastro do Divino, como outras da devoção a São Benedito, por exemplo, ainda erguidos na cidade em épocas e bairros diversos, não conseguiram jamais a popularidade, o prestígio e a tradição logrados por dois outros de outrora, ambos do Umarizal, ambos atraindo romeiros dos quatro cantos de Belém e mais 'oropa, França e Bahia', se por isso aceitarmos Pinheiro, Mosqueiro, lugares outros ali das redondezas...

Os mastros do Umarizal, em verdade, geravam até rivalidades, preferências. (...) Meia centena de anos já se escoou tempo afora, mas os mastros do Umarizal – de Mestre Martinho e da Tia Ana das Palhas – ainda despertam saudades, pálidas, mais ainda vivas saudades nos corações que lhes viveram as noites de cândida e gostosa alegria(...) (De Campos Ribeiro, 2005, P.58, grifo nosso).

A importância das celebrações em torno dos mastros votivos para o cotidiano festivo da cidade é destacada por De Campos Ribeiro, ao referir a continuidade da prática por várias gerações e por diferentes espaços citadinos, notando-se, ainda, a menção ao fato de que tais festas traziam espectadores de diferentes pontos da cidade, interessados, quem sabe, em experimentar as atrações disponibilizadas pelos promotores dos eventos.

Nessa medida, a popularidade alcançada por um festejo de Mastro possibilitava ao seu patrocinador ampliar suas redes de sociabilidade, tornando-se conhecido na urbe, não exclusivamente por seus parentes ou vizinhos, mas por gente que poderia vir de longe para ver o brilhantismo da festa.

Tal qual Antonio Barbosa de Souza, que solicitou, em junho de 1938, permissão para levantar um mastro votivo na Rua do Jurunas, esquina com a Rua São Miguel, em homenagem a São João, ocasião em que fez ladainhas que se prolongaram até o raiar do sol quando derrubou o mastro, encerrando o evento com uma festa dançante em sua casa, sem entrada paga;²¹ e Felipa Berenice da Cruz, residente a Avenida José Bonifácio, nº 966, que requereu autorização para realizar festejos ao Divino Espírito Santo, constituídos de levantamento de mastro votivo, ladainhas todas as noites e quermesse no perímetro de sua casa, estendendo-se as comemorações entre 25 de maio e 12 de junho do ano de 1938.²²

Houve, ainda, um senhor chamado José Roberto de Vasconcelos, morador antigo do Jurunas que, desde 1902, erguia anualmente um mastro ao Divino Espírito Santo, na Travessa de Breves, entre as ruas Conselheiro Furtado e Rua dos Tamoios, tendo por hábito conduzir o referido mastro pelas ruas do bairro (Tamoios, Jurunas, Largo de São José, Cesário Alvim), voltando ao endereço citado soltando foguetes e promovendo, depois, festa dançante.²³

Tocantins (1987) traz a memória algumas descrições de como funcionavam as festas em torno dos mastros votivos erguidos aos santos:

Foi no ano de 1955 que pela primeira vez o povo ergueu um mastro votivo na rampa entre o Mercado de Ferro e a muralha do cais. Para festejar São Bene-

²¹ Petições. Belém, 06 de junho de 1938. Requerente: Antonio Barbosa de Sousa.

²² Petições. Belém, 25 de maio de 1938. Requerente: Felipa Benice da Cruz.

²³ Petições. Belém, 10 de dezembro de 1938.

dito da Praia.

A história se conta assim: num dia do mês de novembro de 1955 o crioulo Carrão, vendedor de frutas no Ver-o-Peso, se encontrava no bar Águia de Ouro. De repente lembrou-se de fazer uma folia para festejar o santo. A ideia foi aplaudida pelos presentes. E logo arranjaram um mastro, enfeitando-o de folhas, cipó, frutas - material que pode ser recolhido facilmente na feira.

Em princípios de dezembro começa a festa. Música em altos falantes, foguetes e povo. Junto ao mastro em cujo topo se vê a bandeira de São Benedito da Praia, armam pequeno altar para o santo. Exposto algumas horas à reverência dos devotos, São Benedito volta aos braços do povo ao seu nicho no bar.

Música, estouro de foguetes, luzes, bandeirolas, barracas e por óbvio, um altar ao santo, que estava sendo homenageado, faziam parte da dinâmica das comemorações dos mastros votivos.

Observa-se, porém, que muitas dessas festas revelavam dimensões menos visíveis de uma religiosidade que se manifestava não só nos espaços públicos, mas também nos espaços domésticos; em festejos íntimos, celebrações de ladainhas e até mesmo de batuques de candomblé para parentes, amigos e vizinhos. Nesse sentido, percebe-se a forte mistura cultural que existia na região, envolvendo elementos de um catolicismo europeu com outros de origem africana.

É nesse contexto que se explica o requerimento apresentado por Maria Libânia Corrêa, residente a Travessa Timbó, nº 784, Marco da Légua, que solicitou autorização para celebrar uma ladainha a sua santa de devoção, Nossa Senhora da Conceição, encerrando o evento com danças e um batuque de candomblé, que perdurou até as 08 horas da noite.²⁴ Ou a petição de Romualda da Conceição Melo, que promoveu ladainhas em sua casa, na rua Gonçalves Ferreira, nº 131, seguidas de festas dançantes, em louvor ao mês de Maria (maio). E Bárbara Nunes, residente a Avenida Duque de Caxias canto da Travessa do Chaco, que rezou duas ladainhas no mês de agosto de 1934, no final das quais realizou uma dança de candomblé.²⁵

Batuques, candomblés, danças aos toques de tambores se mesclavam com as vozerias das ladainhas e terços cantados nas procissões e no erguimento dos mastros, indiciando a circularidade de culturas diversas que compunham uma cidade rica em manifestações festeiras, permeada por hibridismos culturais.

Outrossim, para além da devoção religiosa, essas ocasiões festeiras permitiam a presença de um intenso comércio no entorno dos territórios onde eram erguidos os mastros, os altares e os arraiais. Vendas de bilhetes para sorteios de prendas (presentes), vendas de comidas típicas e bebidas, barracões com sessões de cinematógrafo, casas para jogos, entre outras atrações, possibilitavam aos promotores dos eventos arrecadar recursos, os quais justificavam que seriam revertidos para a organização dos festejos do ano seguinte.

A exemplo do que fez José Castro, que solicitou a subprefeitura autorização para construir no arraial que estava organizando, algumas barracas para sorteio de brindes mediante a compra de cartões numerados, listando inclusive ao delegado os nomes dos objetos a serem sorteados (cerveja, guaraná, sabonete, tigela, xícara, fósforo, cigarro,

²⁴ Petições. Belém, 07 de dezembro de 1934. Requerente: Maria Libania Corrêa.

²⁵ Petições. Belém, 09 de julho de 1934.

pó de arroz, prato, boneco e outras miudezas).²⁶

Paralelamente, esses festejos religiosos mostram as imbricações entre as dimensões do público, do privado e do íntimo no contexto de vida dos segmentos populares. Nessa lógica, através dos arraiais e quermesses montadas nas praças e largos, tais sujeitos históricos afirmam seus valores e cultura perante os demais grupos que habitavam a cidade e dos quais se diferenciavam, delimitavam sua territorialidade na urbe e seus itinerários de lazer, reafirmando-se como partícipes da vida urbana belemita.

Sob este prisma, nos cordões de pastores, esses belemitas sedimentam o sentimento coletivo de pertença à cidade e, mais precisamente, pertencimento a um grupo particular de cidadãos, composto por parentes, conhecidos e vizinhos, com os quais conviviam cotidianamente e com os quais podiam contar nas mais diversas situações.

Já nas ladainhas e batuques, denunciam a fluida relação entre o público e o privado que ainda se mantinha na capital, assinalada mais explicitamente durante os levantamentos de mastros votivos aos santos, feitos por fervorosos devotos, por se tratarem de ocasiões em que os organizadores dos mastros mantinham parte das festas no interior das residências e parte do âmbito da rua fronteira ao local em que o mastro havia sido erguido, envolvendo não só vizinhos e familiares, como também atraindo a atenção de indivíduos de diferentes bairros que percorriam a cidade em busca de espaços para divertir-se ao som de músicas, danças, comidas e bebidas.

Considerações Finais

Constata-se que havia uma certa geografia da sociabilidade popular belemita, pautada numa estética específica e na prevalência de alguns itinerários cartográficos sobre outros. Sendo assim, as camadas de trabalhadores pobres urbanos se envolviam significativamente nos grupos de Bois bumbá que costumavam perambular pelas ruas dos bairros ditos suburbanos, apropriando-se não só do espaço público das vias de circulação, mas também interagindo com os moradores desses territórios; convidados a receber os blocos/grupos em suas casas e/ou a sair para as frentes das moradias e juntar-se aos mesmos, em desfiles comemorativos e festas que findavam nos largos e praças distribuídos nesses espaços.

Enquanto prática híbrida que abrigava roteiros europeizados, sons de africanidade e ritualidade indígena, os Bumbás desvelam uma cidade polissêmica em vários sentidos, onde povos de diferentes matizes raciais e culturais se encontravam, mutuamente dialogavam, disputavam espaços, construíam territorialidades e, em certos momentos, opunham-se e/ou se assimilavam, fundindo-se na tessitura daquilo que era único e próprio da região (BURKE, 2010, p. 31).

Ora perseguidos pelos poderes públicos em razão das práticas políticas que abrigavam ou em virtude dos comportamentos e sociabilidades nutridos por seus partícipes, ora descritos como guardiões de manifestações de uma cultura propriamente amazônica primitiva, os grupos de Bois e seus currais possibilitam desvelar diálogos culturais interessantes que ocorriam na urbe belemita nas décadas pesquisadas.

²⁶ Petições. Belém, 02 de maio de 1938. Requerente: José Castro.

Não obstante, desnudam algumas (dentre as muitas) contradições do processo de modernização urbana vivenciado pela capital paraense desde o final do século XIX, no qual se almejava construir uma cidade baseada em modelos exógenos, distintos daquilo que fosse regional, sedimentada na cultura letrada e principalmente, branca (PINHEIRO, 2007).

Nesse sentido, ainda que contidos pela polícia, circunscritos ao espaço dos currais e seu entorno, as comemorações joaninas promovidas pelos Bois bumbá indiciam o caleidoscópio cultural existente em Belém e a efervescência de uma cidade, na qual as matinês dos cinemas, saraus literários e chás nas confeitarias coexistiam com os batuques, cordões e apresentações de bois; onde os *Cafés* serviam como espaços de sociabilidade para diferentes segmentos sociais, tanto quanto os parques e terreiros montados próximos aos currais.

Por outro lado, as práticas festeiras em devoção aos santos e as comemorações do advento (período que antecede o Natal) realizadas por meio de apresentações de grupos pastoris dão visibilidade a importantes veículos de expressão dos sentimentos de pertença à cidade.

Os momentos de diversão e sociabilidade em torno das festas dos santos (padroeiros, milagreiros e de devoção) dão a conhecer uma dimensão da cotidianidade dos populares pouco discutida pela historiografia local, na qual as relações entre o público e o privado revelaram-se tênues, as possibilidades de lazer não dependiam dos artefatos tecnológicos, tais como o rádio ou o cinema, e as relações de afetividade se estreitavam pelo contato proporcionado pelas conversas, danças, brincadeiras, jogos, momentos de compartilhar alimentos, dentre outros hábitos.

As quermesses e festejos organizados em torno do levantamento de Mastros votivos, quer fossem em homenagem ao Divino Espírito Santo ou a outros santos de devoção, tornaram-se importantes espaços para reafirmação de papéis sociais, demonstração de *status* e pequeno comércio; constituindo um circuito cultural específico que forjava espaços públicos em territórios diversos da cidade; apropriando-se não apenas de largos e praças, mas de todos os espaços que lhe permitissem aglutinar pessoas em torno dos festejos, que legitimados pelo calendário litúrgico católico mesclavam terços, ladainhas e batuques, mistura impensada nos espaços internos cúlticos oficiais, como igrejas (LEITE, 2001, p. 216).

Assim, para além dos ditames dos fluxos de comércio e da econômica extrativista tão típica na região amazônica, a capital paraense experimentou entre as décadas de 1920 e 1940 grande efervescência cultural, protagonizada por sujeitos sociais preteridos pela produção historiográfica tradicional que debate o período. Trabalhadores urbanos, brancos pobres, pretos, pardos e caboclos construíram redes de sociabilidade, diversão e lazer em torno de grupos de Bois Bumbá, de pastorinhas, organizando ladainhas e levantando mastros aos seus santos de devoção.

Dessa feita, a ‘crise’ na economia do látex, ainda que tenha impactado a região e atingido certos segmentos sociais mais abastados, tais como comerciantes, exportadores, seringalistas e médio funcionalismo público, não pode em si mesma constituir o vetor exclusivo de conhecimento acerca da história local no período pesquisado, uma vez que verificamos a existência de uma série de práticas culturais que possibilitam a outros grupos sociais vivenciarem uma realidade cidadina rica em experiências e vivências

polissêmicas da urbe belemita.

Referências

- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.
- CARNEIRO, Eva Dayana Felix. *Belém entre filmes e fitas: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos 1920*. Belém: UFPA, 2011.
- DIAS JR, José do Espírito Santo. Boi Bumbá em Belém, uma expressão urbana e popular. *Revista Estudos Amazônicos*, Belém, vol. 5, n. 02, p. 75-103, 2010.
- FONTES, Edilza. *O pão nosso de cada dia: trabalhadores, indústria da panificação e legislação trabalhista em Belém (1940-1954)*. Belém: Ed. Paka-Tatu, 2002.
- LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. Capoeira, boi bumbá e política no Pará Republicano. 1889-1906. *Revista Afro-Asia*. Nº 32. Universidade Federal da Bahia, 2005, p. 241-269.
- LEITE, Rogério Proença de Sousa. *Espaço Público e política dos lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo*. 2001. 399 f. Tese de Doutorado (Antropologia) – Faculdade de Ciências Sociais, Campinas, São Paulo, 2001.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, Ed. Hucitec, 2003.
- MONTEIRO, Mario Ypiranga. Festa dos cachorros. In: *Revista Brasileira do Folclore*. Setembro/dezembro. 1961. Nº 1 (01). p. 29-42.
- PANTOJA, Leticia Souto. *Trilhos, veios e caminhos da cotidianidade das camadas populares de Belém. (1918-1939)*. 2015. 387 f. Tese de Doutorado (Doutorado em História) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- PINHEIRO, Luiz Balkar Sá Peixoto. Na contra-mão da história: mundos do trabalho na cidade da borracha. Manaus, 1920-1945. *Canoa do Tempo*. Revista do Programa de pós-graduação de História. Manaus. V. 1. N. 1. Janeiro-dezembro. 2007. p. 11-32.
- SPINOSA, Vanessa. *Pela navalha: cotidiano, moradia e intimidade (Belém, 1930)*. 2005. 167f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SALLES, Vicente. *Épocas do Teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro de Época*. Tomo 2. Belém: UFPA, 1994.
- SOUSA, Rosana de Fatima Padilha de. *Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920-1940)*. 2009. 112f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- TEIXEIRA, Tatiane. *Carnaval belenense em tempos de Estado Novo. 1938-1946*. 2013. 192f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Faculdade de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013
- TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão-Pará*. Belém: Secult, 1987.
- WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência*. São Paulo: HUCITEC, 1983.